

Meir Kucinski e o conto-arquivo da Shoah

Lyslei NASCIMENTO¹

Resumo: Neste artigo, analisam-se os contos “A prédica”, “Mitzves, boas ações” e “O tio” presentes na parte intitulada “Ecos do Holocausto”, da coletânea *Imigrantes, mascates & doutores*, de Meir Kucinski (1904, Polônia-1976). Nesses textos, a memória de um mundo que foi, para sempre, deixado em ruínas – destruído pela violência, pela intolerância e pelos desatinos do poder – impõe aos perseguidos os males da ausência, mas também, os novos ares do mundo novo – articulado e rearticulado na ficção, não sem ironia ou sem estratégias de entrar e sair de outras culturas e tradições.

Palavras-chave: Meir Kucinski; Shoah; Arquivo.

Alguns contos fabulosos de Meir Kucinski foram, em 2002, publicados em *Imigrantes, mascates & doutores*, coletânea organizada por Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz que orquestraram, nessa antologia, vários tradutores do ídiche, a língua na qual foram originalmente escritos esses textos.² Anos mais tarde, em 2007, Hadassa Cytrynowinowicz e Genha Migdal coordenaram outra importante publicação, *O conto ídiche no Brasil*, que traz outros três contos do Meir Kucinski (CYTRYNOWINOWIC; MIGDAL, 2007)

As duas coletâneas, que podem ser consideradas como um arquivo literário dos mais preciosos sobre a imigração judaica para o Brasil, revelam, nas tramas dos contos ali inscritos, etnias, culturas, tradições. Como as cidades visíveis e invisíveis de Italo Calvino (1991), abrem-se, para o leitor, de capa a capa, um atlas judaico, com suas fronteiras e limites, com seus horizontes e suas esperanças sendo acessados, reconfigurados e relidos. Ao compilar, traduzir e publicar esses contos, os pesquisadores envolvidos tornam-se, assim, como os tradutores das mil e uma noites, de Jorge Luis Borges, arquivistas de uma tradição literária e de uma memória cultural que não podem ser esquecidas (BORGES, 1998. p. 438-457).

A história brasileira da imigração judaica, de forma contundente, tem revelado pela ficção, tanto pelas memórias e pelos depoimentos, quanto pela ficção, a figura *sui generis* do imigrante. Viajante, na maioria das vezes, involuntário e obrigado a fixar-se em terra estranha, eles configuram-se como elementos de uma linhagem de exilados e perseguidos que, em “discretos e escondidos cantinhos da alma” (KUCINSKI, 2002, p. 205), sobrevivem e,

1 Doutora em Letras: Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/UFMG. É professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: lyslei@ufmg.br

2 KUCINSKI, 2002.

intentam, a todo custo, manter vivas suas memórias. Para o judeu no exílio, o exercício de narrar-se é fundamental para a própria sobrevivência e para a sobrevivência imaterial de sua história. O judeu no exílio é, assim, um narrador por excelência e a escrita e a leitura não só religiosa, mas secular, é “pátria encadernada”, como queria Moacyr Scliar (1996).

Há, no Brasil, como todos sabem, uma história subterrânea de medo, e de traição aos imigrantes, não somente aos judeus. Em *O Brasil e a questão judaica*, Jeffrey Lesser (1995) examina a maléfica combinação de nacionalismo e racismo que foi alimentada por líderes políticos e intelectuais na história brasileira. Apesar de um certo “incentivo oficial”, poucos imigrantes vieram de fato para o Brasil antes de 1872. Os Estados Unidos eram, até então, a terra da promessa e da liberdade, e o Brasil era imaginado como uma floresta infestada de doenças com poucas oportunidades de desenvolvimento ou crescimento econômico real. Além disso, pesava sobre o imaginário europeu os temores gerados entre os imigrantes potenciais devido ao passado histórico escravocrata do país.

De acordo com Lesser, na década de 1920, uma mudança na imagem do Brasil e de leis mais restritivas nos Estados Unidos, Canadá e Argentina levaram muitos judeus do Leste europeu a escolher o Brasil como seu novo lar. A maioria deles não tinha para onde voltar. Muitas vezes, a pátria-lar havia sido desfeita e os mapas desatualizados pela guerra, pela usurpação de cidades e diluição de fronteiras. A pátria de muitos foi, radicalmente, transformada: modificaram-se contornos, limites, desenhos. O imigrante perde, assim, violentamente, sua condição de cidadão. Sem pátria, não há outro caminho a seguir a não ser o futuro. O Brasil, para muitos desses imigrantes, foi o país do futuro, como no livro de Stefan Zweig (2022), ou um paraíso e “um refúgio nos trópicos”, como bem avaliou Maria Luiza Tucci Carneiro (1996).

Meir Kucinski nasceu em 1904 em Wlotzlawek, Polônia, e imigrou para o Brasil em 1935. Ele se estabeleceu em São Paulo, onde faleceu em 1976. Era jornalista e professor. Escreveu artigos, contos e ensaios publicados, em sua maioria, na imprensa iídiche brasileira. Na década de 1940, foi convidado a lecionar no Seminário de Professores do Colégio Renascença, em São Paulo. O seu primeiro livro de contos, *Estilo Brasil*, foi publicado em Tel Aviv em 1963. Em 1974, ele recebeu o prêmio da revista *Di Tzukunft*, de Nova York, pelo conto “Der Guibor” (O homem mais forte do mundo) (KUCINSKI, 2002). Em 1966, ele escreveu a introdução a *O conto iídiche*, organizado por Jacó Guinsburg e, mais tarde, em 1974, publicou um estudo sobre o escritor Sholem Aleichem, na Coleção Biblioteca Popular Judaica, da Federação Israelita do Estado de São Paulo (KUCINSKI, 1966, p. 5-50).

A sua obra é, certamente, um dos mais instigantes acervos literários do arquivo judaico da imigração. Nela, relações complexas, mas infinitamente ricas, apontam para a presença dos judeus no Brasil, tendo mundos e vidas compartilhados de forma a enriquecer brasileiros e judeus de forma extraordinária. Mesmo diante da contingência-limite que foi a Segunda Guerra Mundial e a Shoah, os contos de Kucinski revelam-se, especialmente, paradigmáticos.

A bibliografia do escritor, como se vê, lança luz às impressões não só sobre a cultura, a literatura e a língua iídiche, em geral, mas também sobre o que poderíamos chamar de “estilo Brasil” – narrativas curtas, permeadas de erudição, bom humor e de uma tentativa de registrar, pela ficção, as relações entre os judeus e o judaísmo e entre os judeus e os brasileiros.³

Na maioria desses textos, segundo Berezin, o escritor registrava “a saudade do velho lar, dos familiares que lá tinham permanecido, os anseios pela vida judaica vibrante da Europa, que deixaram para trás, e revelavam os sentimentos de solidão do recém-chegado” (BEREZIN, 2002, p. 13-29). A luta pela sobrevivência em terra estranha era o grande tema dessas narrativas. Muitas delas tinham, nos personagens, a representação da profissão de quase todos esses imigrantes, o vendedor de porta em porta, à prestação.

O Brasil, para os imigrantes, não foi um lugar para se refugiar e voltar. Para os judeus imigrantes que aqui aportaram, o Brasil tornou-se o novo lar, porque não havia para onde voltar. As mercadorias são simples, nada têm de exótico, são tecidos, panelas, artigos de cama, mesa e banho, no entanto revelam a necessidade de registrar e reelaborar, pela ficção, a cena da refundação da pátria. A imperiosa necessidade de se narrar para resguardar o passado, nem que este se apresente a partir de fragmentos de memórias esparsas e, para se conformar, pela ficção, o presente e o futuro.

Italo Calvino, em *As cidades invisíveis*, numa das seções dedicadas às cidades e às trocas, cria um narrador que constrói, a partir da descrição da cidade de Eufenia, para onde os mercadores de sete nações convergem em todos os solstícios e equinócios, uma lírica reflexão sobre as viagens e o comércio (CALVINO, 1991, p. 38-39). Os barcos que atracam naqueles portos, muitos deles com as exóticas cargas de gengibre e de algodão, zarpam com as estivas cheias de pistaches e de sementes de papoula, mas não é apenas para comprar e vender que se vai aquela cidade, mas também porque à noite, ao redor das fogueiras, em torno do mercado,

³ A imprensa iídiche, capítulo ainda por ser estudado pela História da Imprensa no Brasil, com a qual ele colaborou, dá notícia de reuniões e conferências sobre literatura, arte e música. Os primeiros escritores iídiches do Brasil, entre eles Kucinski, esboçaram, nessa imprensa, um olhar judaico sobre a cultura e sobre a vida política, econômica e artística brasileira que se constitui ainda como um arquivo a ser aberto.

sentados em sacos ou em barris ou deitados em montes de tapetes, os mercadores podem ouvir e contar histórias. Os mercadores-narradores contam histórias. Eles sabem que na longa viagem de retorno, quando, para permanecerem acordados bamboleando no camelo ou no junco, põem-se a pensar nas próprias recordações, ao retornar para as cidades-lares, o comércio das narrativas será, por fim, um momento em que se troca, invariavelmente, de memória.

A narrativa de Calvino sugere, muito mais que afirma, uma disposição do mercador, do viajante, para contar e ouvir histórias. A lembrança de Walter Benjamin é inevitável. Num primeiro momento, em "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" (BENJAMIN, 1993, p. 197-221). De acordo com Benjamin, por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia cada vez mais. A arte de narrar, tal qual ela se apresentava para Benjamin, se configura, então, como um bem em vias de extinção. Isso se deu pela privação de uma faculdade que é, aparentemente, segura e inalienável: a de trocar experiências. Benjamin estabelece o início do fim da experiência comunicável com a Primeira Guerra Mundial, porque, segundo ele, naquele momento, tornou-se manifesto um processo que continua até os nossos dias e se agravou com a Segunda Guerra, os combatentes, ao retornarem da guerra, voltam mudos dos campos de batalha, portanto, mais pobres em experiências comunicáveis (BENJAMIN, 1993, p. 114-119). Mas, os outros sobreviventes? Não os soldados, mas aqueles que foram vítimas de prisões, trabalho forçado, torturas e toda uma sorte de violência?

As duas famílias de narradores de Benjamin, a do camponês sedentário e a do marinheiro comerciante, são, de alguma maneira, multiplicadas em outros tantos papéis. Se o primeiro grupo é o homem/arquivo que ganhou sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições; o segundo é aquele que viaja e que tem muito que contar das terras e gentes que encontrou. Esses dois tipos arcaicos, apesar de suas especificidades, no entanto, se interpenetram entre o mestre sedentário e os seus aprendizes migrantes que trabalhavam juntos na mesma oficina. Cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. "Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazido para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário" (BENJAMIN, 1993, p. 198-199).

A história judaica avizinha-se dessas reflexões e expõe de forma contundente a figura dos imigrantes – viajantes, muitas vezes, involuntários e obrigados a fixar-se em terra estranha – que, diferentemente dos mercadores e marinheiros/narradores de Calvino, formam uma linhagem de exilados e perseguidos que, entre temerosos e deslumbrados, sobreviveram e contaram suas histórias. Para o judeu imigrante, muitas vezes, o exercício de narrar-se no exílio é questão fundamental para a própria sobrevivência e a sobrevivência de sua história. O judeu no exílio é, pois, um narrador, por excelência. No entanto, a história dos imigrantes judeus apresenta-se como um tecido bordado em que nem tudo é ornamentado com pedrarias, fios de ouro e exóticas cores.

Muitas vezes, a pátria-lar havia sido desfeita e os mapas, desatualizados pela guerra, pela usurpação de cidades e pela diluição de fronteiras. A pátria de muitos foi, radicalmente, transformada: modificaram-se contornos, limites, desenhos. O imigrante perde, assim, violentamente, sua condição de cidadão e o rótulo de apátrida inaugura um novo olhar de aversão. Sem pátria, não há outro caminho a seguir a não ser o futuro. O Brasil, para muitos desses imigrantes, foi o país do futuro, um paraíso, um ancoradouro e um “refúgio nos trópicos”, como afiança Maria Luíza Tucci Carneiro (1996).

Regina Igel, em *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*, constrói uma sólida pesquisa sobre o tema e delinea um vasto elenco de escritores judeus, inscrevendo-os na produção literária nacional. Segundo a ensaísta, no âmbito da Literatura Brasileira, essa inserção se dá, no entanto, com hesitação por parte dos críticos e negligência por parte dos leitores (IGEL, 1997, p. 689). Kucinski encarnou, nesse meio, “a figura e os padrões do moderno intelectual e escritor ídiche do Leste europeu, tal como ele se desenhou entre as duas guerras” (IGEL, 1997, p. 689) Ele emblematizou de forma elegante e austera uma geração de imigrantes judeus e escritores brasileiros, como caracteriza Igel.

Os contos “A prédica”, “*Mitzves*, boas ações” e “O tio” presentes na parte intitulada “Ecos do Holocausto”, da primeira coletânea, e “Sem idioma”, e “O rabino” revelam a ressonância da Shoah na obra de Kucinski. Nesses textos, a memória de um mundo que foi, para sempre, deixado em ruínas – destruído pela violência, pela intolerância e pelos desatinos do poder – impõe aos perseguidos e imigrantes os males da ausência, mas também, os novos ares do mundo novo – articulado e rearticulado na ficção, com muito humor e uma capacidade única de rir de si mesmo para seguir em frente, o que seria uma das estratégias mais eficientes para entrar, sair, se instalar ou não, em culturas e tradições, as próprias e as alheias.

Os contos sobre a Shoah em *Imigrantes, mascates & doutores* e *O conto ídiche no Brasil* revelam, sobretudo, a relação, nem sempre amistosa, mas sempre incomparavelmente rica, entre os imigrantes judeus e os brasileiros, entre o esquecimento da tradição religiosa e a sua tentativa de sobrevivência. As trocas culturais oriundas dessa condição, inclusive quanto à língua, à religião e ao casamento, por exemplo, acabam por deixar vislumbrar estratégias de sobrevivência e, também, paradoxalmente, de resistência cultural.

Em *Imigrantes, mascates e doutores*, os contos que tratam diretamente da Shoah estão agrupados na seção intitulada “Ecos do Holocausto” (KUCINSKI, 2002, p. 171-196). A palavra “ecos” traz ao leitor não só o fenômeno físico em que se observa a repetição de um som devido à reflexão de ondas sonoras, como também a ideia de rumor e de ruído, de repercussão, de vestígio, de recordação. Embora consolidado em áreas de estudos diversas, usarei, como de praxe, “Shoah” em vez de “Holocausto”. A conotação de “sacrifício” que impregna o termo parece-me inadequada, por isso, a escolha de “Shoah”, que significa, em hebraico, catástrofe. Sendo assim, espero abordar os ruídos e os vestígios da Shoah presentes nos contos: “A prédica” (KUCINSKI, 2002, p. 173-179) e “O tio” (KUCINSKI, 2002, p. 181-190), traduzidos por Esther Terdiman, e “Mitzves, boas ações” (KUCINSKI, 2002, p. 191-196), traduzido por Meiri Levin, que também assina as ilustrações.

O primeiro conto, “A prédica”, se inicia com dois advérbios e uma série de perguntas que dão o tom da narrativa. Enquanto a primeira palavra do conto, “então”, aponta para a continuação de um discurso invisível, a que o leitor não teve acesso, a segunda, “novamente”, reafirma uma situação que teima em se repetir. A série de perguntas que segue evidencia um contexto de insegurança e de incertezas: “Então, novamente: — Onde o senhor trabalha? O senhor tem muitos fregueses? E quem lhe dá crédito? Que comerciantes? Ah!... Quem? Koslovsky? Venha amanhã, jovem...” (KUCINSKI, 2002, p. 173). O leitor está, assim, diante de uma situação “insuportável” para o personagem Moische Bialobieski que é inquirido sobre sua atividade como vendedor ambulante.

O narrador passa, então, a revelar os dois tipos principais de comerciantes da José Paulino, antiga rua dos Imigrantes, localizada no bairro Bom Retiro, região central da cidade de São Paulo: os poloneses e os bessarabianos. Célebre por atrair comerciantes informais, os chamados “sacoleiros”, de todo o Brasil, a rua oferece, hoje, inúmeras lojas de vestuário feminino, na maioria, pertencentes a comerciantes coreanos. O topônimo no conto, assim, abre o antigo bairro dos imigrantes, em geral, em primeiro lugar; dos judeus, na sequência; e, para o leitor contemporâneo, dos coreanos. A vida segue, se transforma e modifica as

paisagens urbanas com etnias, línguas, culturas e costumes distintos, revelando a multiplicidade de mundos e espaços compartilhados.

Não escapa a esse narrador, a especificidade de cada um: os poloneses, que interrogavam a todos se os seus fregueses eram vistos na jogatina, e os bessarabianos, mais complicados, que além de exigirem pontualidade no pagamento das mercadorias, não se davam com os primeiros:

É que, apesar de já terem se aquietado as impiedosas expulsões dos rufiões, das polacas e os últimos estarem completamente isolados da coletividade, como uma peste – ainda se nutriam suspeitas sobre cada novo polonês. (KUCINSKI, 2002, p. 173-174)

O trecho revela, portanto, outra história invisível: a expulsão de rufiões, indivíduos que vivem à custa de prostitutas, a quem simulam proteger, e as meretrizes, designadas aqui, como “polacas”, muitos deles, rufiões e prostitutas, também imigrantes. Como se vê, o adjetivo pátrio, pejorativo, ao contrário de “polonesas”, separa os imigrantes não só em etnias, mas também em profissões que marcam e estabelecem fronteiras, entre comerciantes lícitos e o comércio ilícito do corpo.

Moishe precisava de crédito para sobreviver como mascate e o conseguiu, mesmo provocando desconfiança por parte dos outros comerciantes, porque em meio às mercadorias, ele sempre levava um livro consigo. “O livro sob o braço era o silente e secreto sinal de seu passado, do seu eu. Era um tipo de bandeira em relação ao mundo materialista do judeu brasileiro, em geral da Bessarábia, de Volínia e da Lituânia.” (KUCINSKI, 2002, p. 176-177), afirma o narrador, que, na sequência, revela a chegada das notícias das dores sofridas pelos judeus na Europa. A José Paulino estremece e os bessarabianos, de repente, esquecem-se de suas diferenças com os poloneses: “Todos se recolhiam à sinagoga para os necrológios e os protestos. Enquanto isso, os clubes radicais dos poloneses se davam conta de que não eram o momento dos clubes, mas sim, da sinagoga” (KUCINSKI, 2002, p. 176-177)

Nesse contexto, a diversão representada pelo clube é substituída pela sinagoga, espaço de oração, aprendizado e acolhida aos sobreviventes: “Era como se os gritos das vítimas fossem ouvidos ali, como se as chamas da casa judia que ardia estivessem ali, como se o *Shnmá* Israel, Ouve, Ó Deus, fendesse os céus do Brasil.” (KUCINSKI, 2002, p. 178). Os judeus bem estabelecidos, então, “relembra os velhos e conhecidos versículos dos salmos, na oração para os mortos, *El male Rakhamim*, e o *Kadissh* coletivo.” (KUCINSKI, 2002, p. 177). Eles também escolhem, para o sermão, aquele que, entre todos, carregava o livro, Moische Bialobieski. De alguma forma, o livro simboliza não só a religião, mas a cultura, a

pátria portátil. Diante dos judeus, não só os conterrâneos, da Polônia, mas também os judeus bessabianos, ele decifra os nomes dos povoados que vinham distorcidos, sobe no púlpito, voltado para o auditório, com sua face vermelha, descascada, destoava da tristeza reinante naquela solenidade. Ele começa por corrigir as interpretações sobre o significado dos telegramas recebidos: “Não é uma destruição de cidades polonesas, mas de antigas comunidades judaicas”. Ela cita lugares, lembra a importância dos antepassados, desenrola para o público toda a história do aniquilamento dos judeus. A seguir, conclama-os para a ação, para que não fiquem paralisados somente nos sagrados versículos, mas bradassem nas ruas, virassem mundos, acordassem a consciência de seus vizinhos, salvassem aqueles que ainda não tinham sido queimados.

No dia seguinte, com sua mercadoria e o livro, ele é saudado como um herói. De propósito, ele vai de loja em loja para ser cumprimentado. O resultado, a seguir, no entanto, é o contrário do que ele esperava. Os comerciantes que lhe apertavam as mãos afirmaram que ele não poderia continuar a ser um mascate, afinal, agora, ele poderia ser o porta-voz de todos. Um deles, secamente lhe diz: “— O senhor fará cartões literários de caloteiros – e, tirando-lhe o pacote, acrescentou: — Desista de mascatear. Torne-se um professor, um mestre-escola.” Há, nesse remate do conto, uma terrível ironia, agora, admirado por todos, Moische já não tem credibilidade para as vendas, para vender e cobrar o pagamento, afinal, de acordo com alguns comerciantes, “ele só pensa em livros” e só poderá “fazer cartões literários de caloteiros.” Moische assim, perde o pouco crédito que ainda lhe restava diante dos comerciantes (KUCINSKI, 2002, p. 179). O humor, com certa dose de realismo, portanto, nesse ácido epílogo, revela que a erudição e a performance do personagem driblam a resistência dos distintos grupos, mas não os infortúnios da sorte. Ele se envaidece com a sua capacidade de afetar a comunidade com sua prédica, seu sermão, mas acaba por receber a sugestão de ser um simples professor.

O segundo conto, “*Mitzves*, boas ações”, desde o início da narrativa, põe em cena, a guerra que tinha terminado e, até então, não se ouvira falar dos sobreviventes da cidade polonesa de Scheradz, mas antes disso, a permanência do ídiche, desde o título. Antes de vir para o Brasil, o presidente da Sociedade dos Antigos Moradores da Cidade de Scheradz, fora alfaiate, sem nunca ter sentado diante de uma máquina de costura. De olhos alegres, mas zombeteiros, no Brasil, ele montou

uma fábrica de confecção de roupas masculinas, artigos de primeira qualidade. As passadeiras e as bordadeiras brasileiras davam tudo por ele, cercando-o sempre na

oficinas, enquanto os seus concorrentes andavam sempre à procura de alguma auxiliar, de alguma arrematadeira. A sorte lhe sorria e fora corado pelos *schraders* como o seu presidente. (KUCINSKI, 2002, p. 181.)

Note-se, no trecho, que ele alto, de ombros largos, louro, olhos alegres e bondosos, atraía a atenção das brasileiras, ao contrário de seus concorrentes. Esse personagem, que o narrador não tem pejo em revelar a capacidade de ser alfaiate sem nunca ter sentado à uma máquina de costura, ser bem-sucedido devido à sedução que parece exercer sobre as trabalhadoras, passadeiras, bordadeiras, arrematadeira e outras auxiliares femininas, e não ser má pessoa, apesar de sempre escapar de responsabilidades, pedidos, favores, empréstimos, endossos, com uma resposta evasiva: “vamos ver...” (KUCINSKI, 2002, p. 182). Outros *schraders* haviam se dado bem nos negócios, mas Mekhl, o presidente, superou a todos.

Então, começam a aparecer em São Paulo alguns poucos judeus sobreviventes da Segunda Guerra, de diferentes cidades e países, mas de Scheradz não aparecia ninguém, o que causa agitação na comunidade até que surge uma única família: Iossl, sua mulher assustada e semi-muda e dois meninos calados, que haviam esquecido a própria língua, os *schraders* investiram de todos os lados para cima deles: perguntaram sobre suas família, tocavam-nos, apalpando-os até a exaustão. “Quando se inteiraram de toda a verdade, que não havia sobreviventes, esfriaram de repente, como se os recém-chegados tivessem alguma culpa.” (KUCINSKI, 2002, p. 182).

Convidada para jantares na casa do presidente, a família recebia algumas notas para que eles pudessem sobreviver na pensão onde estavam instalados por um par de semanas. Depois, Mekhl arrematava, “vamos ver...”. O leitor descobre, na segunda parte do conto, que o presidente, quando havia partido para o Brasil, fora apoiado por Iossl, que oferecera, inclusive, um banquete de despedida, mas parece que, agora, ele não se lembra mais. Aliás, não só Mekhl, mas todos os conterrâneos, convidados aos jantares, não se sentiam nem um pouco constrangidos, entre cochichos e gritos, diante daquele imigrante pobre e sua família desvalida em um canto. Ao contrário, eles exageram na “exibição dos móveis, enfeites e tapetes do palácio do presidente, coisas nunca vistas nem nas casas dos antigos nababos de Scheradz.” (KUCINSKI, 2002, p. 184).

Sara, a esposa de Iossl, no entanto, rosto afogueado, cadavérico, ouve, no início, calada o borburinho das mulheres, depois, ela desanda a gritar histericamente:

Sim, nós sabemos quem vocês são, suas fofoqueiras! Vocês não perderam nem um minuto! Nós arriscamos nossas vidas... Seus irmãos e irmãs foram queimados... eles se foram com a fumaça, com a fumaça... Os olhos grandes e inquietos, olhos

sobrenaturais, encravados nas órbitas, soltavam faíscas de ódio sobre as mulheres de Scheradz que, durante o tempo todo, não paravam de mastigar as guloseimas e as frutas que estavam sobre a mesa. (KUCINSKI, 2002, p. 185).

A maledicência e a comilança das mulheres, em sua grosseria, contrastam com os dois meninos que permanecem sentados, imóveis, sem compreender a reação da mãe e sem compreender as outras crianças, porque haviam se esquecido do ídiche. Parados, atrás da mãe, com olhos esbugalhados, eles tudo observam. Atrás deles, as outras crianças, alegres e bem-vestidas caçoam deles.

Iossl, então, sem sequer ser chamado a dar opinião, é informado que será sapateiro. O presidente procura entre as ruas da periferia de São Paulo uma pequena casa para moradia da família e, em outra ruela mais movimentada, uma lojinha onde coloca uma cadeira de sapateiro, prateleiras, ferramentas. O resto... “vamos ver...”. A sapataria não obtém sucesso, apesar de não faltarem sapatos para consertar. Enquanto a visita dos conterrâneos rareia, um grupo de mulheres bessarbianas visita a família, são gentis e até trazem biscoitos. De novo, o narrador volta o seu olhar, e conseqüentemente o do leitor, para a esposa do agora infeliz sapateiro:

No começo, Sara, assustada, não conseguia compreender o que as mulheres falavam, mas ficou comovida quando estenderam sobre a mesa uma toalha de presente e colocaram tabuleiros com biscoitos. Sara foi se acostumando cada vez mais a elas; os meninos, que começava a absorver algumas palavras do português, já respondiam às perguntas, e foi assim que essas mulheres bessarbianas foram se aproximando cada vez mais. Sara ia se acalmando e seus tiques diminuía (KUCINSKI, 2002, p. 187).

E são essas mulheres que recomendam que ela seja uma boa esposa e boa mãe, mas que não pode deixar tudo por conta do marido. Assim, ela fecha a oficina, vende tudo, inclusive as ferramentas, e recebe dos bessarbianos mercadorias para o comércio. O marido, pálido, deprimido – parece não se recuperar, revelando sua inadaptação ao novo lar, mas uma mulher de fibra renasce. Sara, em contraste com o marido, ganha peso, seus olhos já não parecem tão afundados nas órbitas. Um leve sorriso começa a aparecer-lhe, vez ou outra, no rosto avermelhado e endurecido. Ela, pouco a pouco, começa a entender algumas palavras em português, acordam cedo e, ao lado da mãe, olham com admiração para a nova paisagem. Enquanto o marido apenas sobrevive na realidade brasileira, a esposa e os filhos, também sobreviventes dos males do exílio provocados pela guerra e pela Shoah, reagem e começam a se adaptar e prosperar.

O terceiro conto de *Imigrantes, mascates & doutores* que aborda, explicitamente, a Shoah, é “O tio”. A trama gira em torno de Moische Wolf, com sua esposa e filha, diante do dilema de receber um sobrevivente como genro, o sobrinho Iossl. Como todos os judeus, ele sentia uma grande compaixão pelos “irmãos sobreviventes”, mas daí a recebê-lo na família, nos seus negócios, que só ele entendia, era motivo de preocupação. Do outro lado, sua esposa, espera um noivo para a filha que, no Brasil, “onde arde um fogo”, corre o risco de envolver-se com alguém não adequado. Por isso, ela diz chorosa: “É o único sobrevivente do meu irmão caçula, a coroa da família, o bom estudante... Dos outros irmãos e irmãs não há vestígios, nem sepultura, nem cinzas...” (KUCINSKI, 2002, p. 193).

Iossl era um jovem de ossos salientes e a pele esticada, descascada e vermelha sobre o rosto – resultado das agruras passadas, seu nariz estreito e ossudo ardia úmido, como se estivesse num inverno gelado. O narrador arremata essa descrição: “tinha a boca aberta como alguém que se preparasse para falar muito – mas todas as suas palavras se esgarçavam, ficavam suspensas no ar.” (KUCINSKI, 2002, p. 193-194). Além da imagem da boca aberta, que aponta para a comunicação debilitada do sobrinho, em suspenso, ou esgarçada como um tecido que soltou os fios, ele traz inscrita a tatuagem impingida aos prisioneiros, as mãos deformadas e o odor envelhecido dos campos de concentração. Quando Iossl melhora ânimo e aparência, é levado para o comércio. Lá, ele recebe o conselho dos comerciantes: “Esqueça tudo!” e de seu tio, o conselho:

Aqui é o Brasil. No Brasil cada um é como quer; se a gente quer, a gente é um tio, se não quer, não se comporta como um tio. Você está ouvindo Iossl? Então pegue esse pacote grande, pelo qual eu paguei; você não precisa me devolver o dinheiro. Mas um segundo pacote eu não vou te dar (KUCINSKI, 2002, p. 195-196).

Esquecer, no entanto, não é possível. As marcas físicas, pouco a pouco aliviadas e anunciadas pelo narrador, não escondem os traumas psicológicos. No entanto, é preciso sobreviver e o aviso do dia é direto, porque não haverá um “segundo pacote”, ou seja, metaforicamente, uma segunda chance. Para esse personagem, no entanto, o conselho parece tão impossível quanto o de esquecer e o pacote de mercadorias é, em vez de uma oportunidade, um peso morto. Para ele, não há opção e tornar-se um tio e ajudar outras pessoas é apenas um eco longínquo. De acordo com o narrador:

Iossl, com as pernas bem abertas, a ossuda face em chamas e o olhar vago, olhava sem entender para o pacote como para um cadáver. Lembrou-se do chicote, no campo de concentração, que silvava como as palavras do tio: “No Brasil se a gente quer, a gente é um tio, se não quer, não se comporta como um tio...” (KUCINSKI, 2003, p. 196).

Nos três contos de Meir Kucinski presentes em *O conto ídiche no Brasil* – que foram traduzidos por Genha Migdal e que assina, com Hadassah Cytrynowick, a organização da segunda coletânea – o tema da Shoah é explícito e impactante. No primeiro deles, “Sem idioma”, desde o título, marca-se os desafios da comunicação em pátria estranha, a aquisição de nova ou novas línguas, a adaptação do sobrevivente, ou seja, mais do que um imigrante, em outro contexto, tão diverso da Europa como o Brasil. O segundo conto, “Entre duas avós”, revela as aventuras e desventuras de uma menina, filha de um casamento misto, a partir do enfoque nas avós, uma judia, outra cristã, desvelando não sem humor, as diferenças sentidas, principalmente, pelas crianças. Já o terceiro conto, “O rabino”, o foco está na fé e em questões primordiais de um religioso diante da catástrofe que foi a Shoah.

A obra de Kucinski é, certamente, um dos mais instigantes acervos literários do arquivo judaico no Brasil. Nela, relações complexas, mas infinitamente ricas, apontam para a presença dos judeus no Brasil, tendo mundos e vidas compartilhados de forma a enriquecer brasileiros e judeus de forma extraordinária. Especificamente sobre a Shoah, os seus contos revelam-se, especialmente, paradigmáticos. Nesses textos, a memória de um mundo que foi, para sempre, deixado em ruínas – destruído pela violência, pela intolerância e pelos desatinos do poder dos nazistas – impõe aos imigrantes os males da ausência, a literatura do exílio, mas também, os novos ares do mundo novo – articulado e rearticulado na ficção, com humor e uma capacidade única de rir de si mesmo para seguir em frente, o que seria uma das estratégias mais eficientes para entrar, sair, se instalar ou não, em culturas e tradições, as próprias e as alheias.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORGES, Jorge Luis. Os tradutores das Mil e uma noites. Tradução: Carmen Cirne Lima. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**, v. 1. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998. p. 438.457.
- CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CARNEIRO, Maria Luiza. **Brasil: um refúgio nos trópicos, a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CYTRYNOWICZ, Hadassa; MIGDAL, Genha (org.). Meir Kucinski. In: CYTRYNOWICZ, Hadassa; MIGDAL, Genha (org.). Vários tradutores. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 83-113.
- GUINSBURG, Jacó. **Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

- IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- IGEL, Regina. Memórias do Holocausto. *In*: IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 211-247.
- KUCINSKI, Meir. Introdução. *In*: GUINSBURG, Jacó. **O conto ídiche**. São Paulo: Perspectiva, 1966. p. 5-50.
- KUCISNKI, Bernardo. **Imigrantes e mascates**. Ilustrações de Maria Eugênia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.
- KUCISNKI, Bernardo. **K.**: relato de uma busca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KUNCISNKI, Meir. **Imigrantes, mascates & doutores**. Tradução: Rifka Berezin *et al.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Tradução: Mansa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- NASCIMENTO, Lyslei. Cidades e textos invisíveis: Meir Kucinski e a literatura ídiche no Brasil. *Noah/Noaj*, n. 16-17, p. 243-253, jul. 2007.
- NASCIMENTO, Lyslei. Discretos e escondidos cantinhos da alma: a condição religiosa imigrante no conto “Kadisch: a oração pelos mortos”, de Meir Kucinski. *In*: LEWIN, Helena (org.). **Judaísmo e modernidade**: suas múltiplas inter-relações. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 255-261.
- QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência ou A literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- RABINOVICH, Gérard. **Schoah**: sepultos nas nuvens. Tradução: Fany Kon e Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- SCLIAR, Moacyr. A prosa judaica entre dois polos. **Folha de S. Paulo**, 14 maio 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/14/mais!/18.html>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- SILVA, Ricardo Garro. **A escrita como túmulo e memorial em Bernardo Kucinski**. Belo Horizonte: Caravana, 2021.
- ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro**. Tradução: Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2022.

Meir Kucinski and the Shoah's archive tale

Abstract: In this article, the short stories “A predica”, “Mitzves, boacções” and “O tio” present in the part entitled “Ecos do Holocausto”, from the collection *Imigrantes, peddlers & doctors*, by Meir Kucinski (1904, Poland-1976). In these texts, the memory of a world that was forever left in ruins – destroyed by violence, intolerance and the madness of power – imposes on the persecuted the evils of absence, but also the new air of the new world – articulated and rearticulated in fiction, not without irony or without strategies of entering and leaving other cultures and traditions.

Keywords: Meir Kucinski; Shoah; File

<p>Recebido em 30 de abril de 2023 Aprovado em 09 de maio 2023 Publicado em 09 de agosto de 2023</p>
